

**Cidades Históricas no Vale do Tietê:
Dinâmicas, Transformações e Permanências Territoriais**

Rafael Fabrício de Oliveira

E-mail: rafageo@rc.unesp.br

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” *campus* Rio Claro – UNESP

Instituto de Geociências e Ciências Exatas – IGCE

Programa de Pós Graduação em Geografia – PPGG

Grupo de Pesquisa em Análise e Planejamento Territorial – GPAPT

Resumo

As atuais cidades paulistas de Santana de Parnaíba, Pirapora do Bom Jesus, Cabreúva, Itu, Salto e Porto Feliz foram áreas colonizadas de maneira em comum, por meio da formação de núcleos de sustentação às entradas e bandeiras ao interior do Brasil. Assentadas entre os vales do rio Tietê, nas vertentes e contrafortes do planalto cristalino e também alguns setores da bacia sedimentar do Paraná, estas cidades ficaram conhecidas pela peculiaridade histórica que tiveram nas diferentes fases sociais, políticas, econômicas e culturais do Brasil, fato que intensificou a procura e a oferta de atividades turísticas atreladas aos seus bens patrimoniais ao longo das últimas décadas. Nesse processo, este estudo analisa aspectos culturais que subsidiam os componentes edificados nas cidades e sua relação com os novos e antigos conteúdos das formas espaciais. Proporciona uma perspectiva crítica aos discursos e práticas que legitimam determinados grupos sociais e espaços em detrimento de outros. Aponta para a necessidade de um novo comportamento, de transformações que possibilitem a representação da totalidade cultural na cidade, do reconhecimento e identidade do papel coletivo e do trabalho social na produção do urbano.

Palavras-Chave

Vale do Tietê; Cidades Históricas; Patrimônio Histórico e Cultural

Introdução

Pode-se compreender que em tempos atuais a velocidade das transformações urbanas colocou em xeque a estrutura das cidades antigas, gerando uma série de contradições entre os interesses dos diversos segmentos sociais. Esse fato é perpetuado, em muitos casos, por uma lógica que não atende de forma equânime os anseios coletivos, justamente porque há um intenso processo de sensibilização ideológica através da organização política de grupos sociais hegemônicos. Estes, por sua vez, somam um conjunto de intervenções e práticas sobre as cidades, que em muitas situações são responsáveis por descaracterizam na plenitude a identidade do lugar. Por outro lado, também coexistem relevantes projetos de preservação patrimonial, que revelam a importância histórica e cultural de certos grupos e de determinados lugares, aparelhando e mantendo a estrutura do espaço a partir desses referenciais, como também a construção de símbolos que os justifiquem.

No processo dialético que permeia a dinâmica social nas cidades, as relações entre ideologia e cultura se processam materialmente no espaço, onde os sistemas de tempo condicionam práticas que podem ora compactuar, ora refutar determinadas entidades simbólicas ou materiais. Como tal, pode-se apreender uma gradativa ação e metamorfose nos significados e sentidos do espaço urbano pela sua população, de suas representações, e que se traduzem em hábitos, costumes e tradições, como também em edificações, templos, monumentos, bandeiras, entre outros.

Contudo, num período onde a velocidade dos fluxos materiais e simbólicos permite que muitos autores reconheçam a compressão do tempo e do espaço, é cada vez mais complexo identificar as políticas, como também os componentes espaciais que se organizam em função dessas novas dinâmicas e de algumas atividades produtivas modernas. Isso pensando no desenvolvimento de funções e práticas urbanas cada vez mais conectadas com as perspectivas de reprodução e experiências em proporções globalizadas, reinventando ou gerando novas formas e conteúdos nas cidades nem sempre adequados e compatíveis com a realidade étnica ou física dos territórios.

Objetivos

De forma direta, o presente trabalho é um estudo que leva em consideração aspectos culturais que subsidiam os componentes edificados nas cidades e sua relação com os novos e antigos conteúdos das formas espaciais. Busca, portanto, apreender o trabalho e o reconhecimento histórico da sociedade na construção das cidades, bem como o papel das políticas que tendem nas especificidades dos lugares alavancar a economia do território por vias modernas, como a da indústria cultural e do turismo. Leva em conta para isso o papel de antigas e novas estruturas urbanas, buscando não encerrar, pois, qualquer discussão que se pretenda desenvolver sobre o tema, mas ampliar um debate capaz de incorporar ações na defesa da memória, do patrimônio material, simbólico e natural das cidades. Visa ainda constituir referência para o reconhecimento do lugar como identidade humana e social, analisando por uma perspectiva crítica os discursos que buscam legitimar certos atores em detrimento de outros, produzindo sistemas, ícones e símbolos que podem não representar a totalidade dos grupos sociais e do trabalho de produção das cidades.

Metodologia de trabalho

Como referência metodológica e recorte espacial para o estudo de caso, houve a análise da paisagem de seis municípios paulistas, buscando a observação e uma leitura histórica e geográfica preocupada em identificar as estruturas materiais e simbólicas revestidas nas formas e conteúdos dos lugares. A escolha desse conjunto de lugares foi realizada levando-se em consideração a regionalização das cidades por afinidade e relação na história da formação do território paulista e nacional. Além disso, também considerando a participação dos municípios no “Roteiro dos Bandeirantes”, roteiro turístico histórico e cultural de São Paulo, que utiliza a imagem dos bandeirantes como agente potencial de promoção de atividades culturais e turísticas.

Portanto, as cidades analisadas neste trabalho foram Santana de Parnaíba e Pirapora do Bom Jesus, ambas na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), Cabreúva, Itu, Salto e Porto Feliz no interior do Estado. Contudo, a idéia de um recorte espacial para a presente análise não impede a relação deste com contextos

de escalas mais amplas, cuja literatura nos permite avançar, tomando na história uma diversidade de situações que subsidiam nossas reflexões. Alguns casos, por exemplo, de disputas intelectuais na legitimação de símbolos, costumes e tradições que marcaram e deram singularidade à formação da identidade nacional, ou até mesmo a atribuição de determinados segmentos sociais pela expansão das fronteiras do território brasileiro, dos seus estados e municípios.

Na sua realização, além de utilizarmos uma bibliografia mais ampla, procuramos conciliar diferentes epistemologias e escolas, desde trabalhos desenvolvidos pela geografia cultural até obras relacionadas a questões políticas e sociais nas cidades. Foi comum a revisão e consulta de uma literatura regional, inserida em relatos de viajantes, crônicas e livros locais, como também o desenvolvimento analítico de alguns quadros, pinturas, mapas, croquis das cidades antigas e dos aspectos culturais de sua população. Numa outra etapa de elaboração deste trabalho, priorizou-se a realização de algumas visitas aos municípios tendo em vista a coleta de dados primários, o registro fotográfico e entrevistas qualificadas com superintendentes de órgãos municipais, com a população local, além da aquisição de amostras de material publicitário turístico das cidades. Posteriormente, houve a triagem do material, reflexão, discussão em grupo e a composição da redação final.

O Vale do Tietê: caracterização histórica e geográfica

As atuais cidades paulistas de Santana de Parnaíba, Pirapora do Bom Jesus, Cabreúva, Itu, Salto e Porto Feliz foram áreas colonizadas de maneira em comum, por meio da formação de núcleos de sustentação às entradas e bandeiras ao interior do Brasil. Assentadas entre os vales do rio Tietê, nas vertentes e contrafortes do planalto cristalino e também alguns setores da bacia sedimentar do Paraná, estas cidades ficaram conhecidas pela peculiaridade histórica que tiveram nas diferentes fases sociais, políticas, econômicas e culturais do Brasil, fato que intensificou a procura e a oferta de atividades turísticas atreladas aos seus bens patrimoniais ao longo das últimas décadas.

Na primeira fase de ocupação territorial da América pelos europeus, o rio Tietê, em São Paulo, se transformaria na principal via de transporte aos mais longínquos pontos da colonização portuguesa. No entanto, as barreiras naturais dos contrafortes do planalto atlântico paulista, compostas de saltos e quedas d'água, bem como os entraves do avanço propiciados pela resistência indígena, além de outros fatores, como boas terras para o cultivo agrícola, abundância de água, localização estratégica entre litoral e o interior, levariam de maneira definitiva a materialização das antigas cidades, povoados e vilas, dando gênese às configurações primitivas da matriz territorial paulista e, de forma mais generalizada, do próprio Brasil, enquanto espaço de formação de uma unidade cultural de diferentes raízes.

Fig. 01: A formação histórica e geográfica primitiva no Vale do Tietê



Fig. 01: No detalhe, pinturas de Almeida Júnior retratam aspectos históricos da economia e cultura regional. No quadro “A” nota-se o detalhe da monção, partindo do rio Tietê na atual cidade de Porto Feliz, onde hoje se encontra o Parque das Monções. (Museu do Ipiranga, São Paulo - Óleo sobre tela, 640 x 390 cm). Disponível em: <<http://www.dezenovevinte.net/19e20/>>. Na tela “B”, o pintor caracteriza o caipira, mistura étnica entre índio e colonizador europeu, que marcaria a formação cultural no interior de São Paulo e porções dos estados do Paraná, Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. (Óleo sobre tela - 70 x 50 cm - Pinacoteca do Estado de São Paulo). Disponível em <http://www.cecac.org.br/Artes_Almeida_Jr.htm>

De pontos estratégicos, de ligação, tornar-se-iam fontes de recursos agrícolas, inicialmente a um mercado interno que se formava, da necessidade de abastecimento das regiões auríferas, das minas. Posteriormente, numa estrutura comercial mais complexa, essa região se despontaria através da produção açucareira, pela monocultura da cana, onde a lavoura, o engenho, a casa grande e a senzala, caracterizariam os espaços e o tempo cotidiano, da vida, das relações culturais que marcariam para sempre os seus aspectos.

Ainda que a periodização histórica possa produzir certas falácias, anacronismos, e tantas outras situações que dificultam a apreensão da realidade, ela ainda desponta como importante ferramenta de caracterização das categorias sociais ao longo do tempo. Dessa maneira, alguns autores (MONBEIG, NARDY FILHO, PETRONE, FURTADO) nos permitem apontar que a partir da segunda metade do século XIX a cultura do café era quem passaria efetivamente a dinamizar e conduzir a estruturação dessas cidades, levando-se em consideração a permanência de outras atividades produtivas pretéritas, como a produção da cachaça, do açúcar, de alimentos diversos, e outros ofícios presentes nas áreas urbanas e diretamente associados a esse contexto.

As transformações engendradas nessa região pela agricultura do café trariam os recursos necessários à implantação de vias modernas de transportes e de geração de energia, essenciais ao desenvolvimento de uma pré-industrialização, de base técnica ainda arcaica e dependente de grande contingente de trabalhadores, voltada fundamentalmente para os setores de bens de consumo, mas que marcariam profundamente a paisagem desses locais.

Com esse quadro a região diversifica sua economia, ainda que num processo de estagnação quando comparados com outros antigos povoados, como Campinas, São Paulo e Jundiaí. Todavia, esse marasmo econômico talvez tenha se tornado o principal elemento de manutenção de estruturas antigas nessas cidades, já que o quadro de abandono e esquecimento não produziu funções de descaracterização das formas pretéritas ali edificadas. Certas peculiaridades se mantiveram no tempo, até o ponto da “invenção” do patrimônio urbano e a tomada de consciência pela elite intelectual brasileira de seu valor cultural e, posteriormente, econômico.

Fig. 02: Museu Republicano “Convenção de Itu” e Fábrica São Luiz



Fig. 02: Em “A”, sobrado tombado pelo Condepheet no centro histórico da atual cidade de Itu. Palco de encontros e tramas da oligarquia cafeeira paulista. Atual museu sob gestão da USP que toma como referência histórica de trabalho a primeira república brasileira. No quadro “B” a Fábrica São Luiz, também localizada no sítio histórico de Itu, é referência da pré-industrialização brasileira, figura como a primeira tecelagem a funcionar no Estado de São Paulo e a utilizar a energia a vapor. Fotos do autor obtidas em campo, 2008.

Contudo, a segunda metade do século do XX imprime uma dinâmica contraditória nessas cidades, de um lado pela instalação industrial e a adequação dos espaços ao comércio, aos veículos, e as novas necessidades tecnológicas subsidiadas pelo desenvolvimento científico. Por outro lado, segmentos sociais saem em defesa do antigo, da preservação de formas e estruturas dos lugares, tendo em vista as possibilidades produtivas que o turismo passava a oferecer, e também pela manutenção de uma identidade, cada vez mais em risco perante a velocidade dos processos que iam gradativamente transformando os municípios.

É no contexto das contradições, das novas possibilidades produtivas – que no caso destas cidades se apresentavam através do patrimônio histórico, sobretudo pela ascensão da indústria cultural em São Paulo e no Brasil, baseada na valorização e culto às antigas estruturas urbanas e rurais – que a década de 1960 torna-se um marco inicial da articulação política e ideológica da produção de espaços que legitimem suas peculiaridades territoriais, tornando possível uma mediação entre as renovações propostas e a manutenção de antigos núcleos e bens diversos. Ainda

assim, o dinamismo da questão, desde então, cada vez mais demanda esforços de abstração sobre as mais amplas perspectivas de análise, cujo espaço é uma de suas vias, traduzindo territorialmente as ações políticas, econômicas e culturais da sociedade.

O roteiro dos bandeirantes

No caso brasileiro, emerge nas duas últimas décadas do século XX a necessidade de atividades turísticas integradas regionalmente, que mutuamente planejadas pudessem fortalecer a produção e beneficiar de forma cooperativa os seus associados, agregando valor aos produtos, diversificando as atividades potenciais, e perpetuando a disputa interespaial por segmentos sociais em busca do consumo.

Para tanto, as peculiaridades regionais passaram a ser levadas em consideração no planejamento de cada iniciativa, que no caso específico do médio vale do Tietê se tornaria a história e a cultura, sobretudo contextualizada ao plano dos bandeirantes, republicanos, das igrejas, dos senhores de engenho e barões do café, entre outras alternativas e agentes menos representativos, como os da cultura caipira por exemplo.

Sendo assim, segundo Gaviolli (2008, p. 6), em 2003 oficializa-se através do Governo do Estado de São Paulo o Programa de Regionalização do Turismo: Roteiros do Brasil, o então Roteiro dos Bandeirantes, englobando as cidades de Araçariguama, Tietê, Porto Feliz, Itu, Salto, Cabreúva, Pirapora do Bom Jesus e Santana de Parnaíba.

Ainda que o roteiro não nos permita de forma objetiva entender a sua repercussão econômica nos diferentes municípios abarcados, este não é também o propósito do trabalho. Por outro lado, ele emerge questões diretamente associadas à problemática cultural e da produção espacial a partir de referenciais ideológicos, promovidos e legitimados por um processo histórico-geográfico heroicizado e fatual, desvinculados da totalidade social. Ao nosso ver, manifesta-se em favor da necessidade de adequação de certas especificidades espaciais às novas dinâmicas do processo produtivo global, fenômeno que pretendemos salientar com maior propriedade, por meio de alguns elementos observáveis nas cidades visitadas.

Fig. 03: Localização geográfica das cidades do Roteiro dos Bandeirantes



Fig. 03: Mapa ilustrativo, com a localização e divisão político-territorial dos municípios do Roteiro dos Bandeirantes. Base de dados obtidos no sítio da internet do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e no sítio <www.explorevale.com.br>. Organização do autor, 2009.

Espaço, ideologia e cultura: referências teóricas

Antes de se adentrar propriamente o recorte espacial, aqui pretendido como via de análise, urge algumas considerações sobre as categorias e conceitos tomados como referência no presente trabalho. Todavia, consciente do dinamismo e complexidade acerca destas questões, priorizou-se realizar uma síntese que pudesse alicerçar de forma integrada o nosso pensamento, cujos objetivos não convergem aos entraves epistemológicos acerca dos temas.

Dentro da atual perspectiva antropológica tomamos como base teórica a idéia de relativismo cultural, que considera não haver qualquer tipo de hierarquização entre as diferentes tradições, manifestações ou costumes dos povos, tendo em vista e

possibilitando uma perspectiva de análise de sua lógica interna, independentemente de uma idéia racionalista, determinista ou positivista a partir deste conceito. Conforme a analogia de Laraia (1989, p. 25), o conceito de cultura propriamente, ainda que já pensado desde o século XV, ou antes, foi definido entre uma mescla da expressão germânica *Kultur*, utilizada para simbolizar os aspectos espirituais de uma comunidade, e a francesa *Civilization*, referente às realizações materiais do grupo, que tomadas por Edward Tylor (1832-1917) e adaptadas ao vocabulário inglês se constituiria na palavra *Culture*, definida por este último autor como “(...) todo o complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR, 1871, *apud* LARAIA, 1989, p. 25). Por outro ângulo, o reconhecimento de certos problemas da idéia de relativismo cultural imbrica numa dialética que a nega dentro do próprio pensamento e do método de trabalho, mas carrega consigo também a sua confirmação. Ou seja, a superação de problemas dentro da idéia proposta esbarra no dinamismo das diferentes culturas e sociedades, onde certos comportamentos, costumes e valores não conseguem objetiva e racionalmente uma aceitação universalizada. Pois, como ponderar com relatividade a execução de crianças deficientes em muitas comunidades indígenas brasileiras? Ou então, o dilaceramento da genitália feminina em alguns territórios africanos? Dentro de uma preocupação mais operacionalizada pelo planejamento e as políticas públicas, Yázigi (2006, p. 132) apesar de entendê-la como uma postura metodológica correta, questiona que dentro dessa óptica cada grupo social possui o direito de afirmar seus valores, assim “(...) o mundo deixa de ser aquilo que é para se tornar aquilo que o sujeito deseja que seja, (...) qualquer holocausto então se torna legítimo (...)”. Por fim, o mesmo autor indaga, “como ficamos, se cada caso de relativismo cultural exige ponderações diferentes?”.

É nesse sentido que a análise do espaço geográfico, enquanto sistema indissociável de ações e objetos (SANTOS, 1997), ou da paisagem, ligada mais diretamente às suas formas, traduziria amplas possibilidades de apreensão sobre a dimensão cultural de mundo, viabilizando a interpretação de relações simbólicas e materiais das unidades sociais no tempo e no espaço. Sendo, portanto, observado o espaço como um discurso, impregnado de valores dos diferentes grupos sociais, é que

elementos como os edifícios e monumentos revelam contradições e contestações passíveis de interpretação e leitura que possibilitam a apreensão da realidade, e a partir disso, podem tornar-se ferramentas de um constante e gradativo esforço pela busca de alternativas que induzam um equilíbrio e respeito entre as diferentes formas de manifestações culturais dos povos.

Nessa perspectiva, a luta pela legitimação cultural se faz por uma série de práticas e discursos, travados nos mais amplos planos da realidade social, e desenvolvidos pelos diferentes tipos de conhecimento, que se materializam no espaço de maneira contraditória, cujos elementos podem servir de arcabouço para que se entenda a articulação de diferentes forças, interesses, ideologias e identidades por trás dos lugares. Para tanto, a ideologia, tomada por um meio mais específico e criticamente no presente trabalho, é uma tentativa de apreender o mundo a partir dos discursos, das idéias, dos textos, de outros elementos simbólicos, materiais, atividades difundidas por todos nós e que, com base em Diniz Filho (1992, p. 67), pode ser um esforço de “(...) entender o modo como as concepções sobre o espaço, geradas e difundidas no interior de uma dada formação nacional, terminam por influir no processo de construção do espaço e na própria história dessa formação.”

Resultados e discussões gerais

Os discursos presentes nos materiais publicitários e nos órgãos públicos municipais, além da referência simbólica em uma série de objetos e práticas, evidenciam cada vez mais a cidade e seus bens enquanto patrimônio de uma história heróica e rica da região do médio vale do Tietê, reproduzindo uma ideologia que afirma seletivamente determinados valores étnicos, religiosos e sociais em detrimento de outros.

No que tange a figura dos bandeirantes, muitos elementos evocam de forma clara o papel heróico destes personagens na região ao longo do processo histórico, como também sobre seu vínculo com as atuais dimensões geográficas do território brasileiro. Esse destaque de associação entre as cidades e os bandeirantes é explícito logo nos brasões dos municípios, depois no enfoque de suas propriedades, caminhos, e todo o tipo de situação a eles atrelada.

Fig. 04: A marca bandeirante nos brasões das bandeiras dos municípios paulistas



Fig. 04: Pela ordem de bandeiras: Santana de Parnaíba, Porto Feliz e Itu. Todos os brasões possuem símbolos referentes aos bandeirantes. Imagens obtidas nos sítios da internet de cada prefeitura municipal pelo autor, 2008.

Em praticamente todos os meios de divulgação do Roteiro dos Bandeirantes não existe qualquer alusão a questões contraditórias deste grupo com religiosos e indígenas na história e ou na geografia do Brasil. Por outro lado, alguns equipamentos públicos, no entanto, como é o caso do Museu Casa do Anhanguera, em Santana de Parnaíba, aparentemente subsidiado por bases mais bem preparadas para o exercício desta prática, esforçam-se em demonstrar as ambigüidades simbólicas de determinados elementos ao longo do tempo.

Nem só da imagem heróica dos bandeirantes se constitui as os usos e discursos potenciais de cada cidade do roteiro. Em Pirapora do Bom Jesus, por exemplo, é evidente a questão religiosa, da igreja, como principal via de atração turística e de estruturação do seu sítio urbano. A história da cidade, tida como sagrada, é sistematizada em pinturas feitas no setor do muro de um de seus templos religiosos, contando a saga da aparição da imagem do menino Jesus nas águas do rio Tietê e a sua propensa vontade de se estabelecer naquele lugar. Assim, muito antes da articulação do roteiro em 2003, Pirapora já recebia grande contingente populacional em procissões e romarias por toda a cidade. Salto e Cabreúva também representam não demandar maiores esforços sobre a legitimação de símbolos mais comuns nas cidades anteriormente salientadas. Destaca-se, porém, uma mescla de esforços entre atividades desenvolvidas por meio de potencialidades naturais, como as localizadas nos parques em Salto, e de lazer nos *campings* e fazendas em Cabreúva.

Fig. 05: Placa de trânsito turística, logotipo e material publicitário do Roteiro dos Bandeirantes



Fig. 05: Em “A” observa-se logotipo do grupo, utilizado de forma padrão em tudo que está ligado ao roteiro. Na parte inferior da imagem, a expressão “Esta Pátria fez grande” reproduz a idéia da relevância dos bandeirantes na grandeza do Brasil em seus mais diversos sentidos. Na figura “B” está uma placa de trânsito turística referente ao roteiro, presente nas rodovias que ligam as cidades integrantes. Na última imagem está um texto publicitário¹, suas orações enaltecem o bandeirante e explicitam a necessidade de se conhecer os lugares por suas peculiaridades históricas e culturais. Foto do autor obtida em campo, 2008. Logotipo e texto em: <www.cabreuva.sp.gov.br>.

As igrejas e fazendas destacam-se nos municípios como símbolos de um passado glorioso, propiciado principalmente pelos dividendos do ciclo açucareiro entre os séculos XVIII e XIX, que enriquecia os senhores de engenho e efervescia a economia regional. As estruturas antigas do urbano e do rural, ao mesmo tempo em que se tornaram inadequadas para o desenvolvimento de atividades produtivas mais tradicionais, também se revelaram ricas a outras. Nesse contexto o turismo se tornou o principal vetor de comercialização de uma imagem para as cidades históricas, pressuposto na atração de um fluxo interessado na experiência do singular que esses lugares passaram a representar.

¹ Grifo nosso. Texto disponível em: <www.cabreuva.sp.gov.br>.

A publicidade está focada sobre os grandes e antigos engenhos açucareiros, as “pomposas igrejas barrocas” (como no caso da cidade de Itu, por exemplo, em que há todo um esforço publicitário para que seja reconhecida como a “Roma brasileira”, tendo em vista a riqueza de suas igrejas), além dos assobradados bens arquitetônicos, e tantos mais, esquecendo-se das vielas, da vida nos becos e barrocas, dos colonos, trabalhadores livres e escravos (evidencia-se esse caso em especial, pois poucas senzalas restaram, sendo elas convertidas em finas *boutiques de souvenirs* ou dormitórios de luxo para clientes da capital, escamoteando a dura realidade imposta ao negro no Brasil).

Além disso, o próprio caipira é satirizado como tolo, desajustado e preguiçoso, fetichizando e banalizando um dos mais importantes símbolos do interior paulista. Trata-se de questões ainda delicadas, abertas, sobretudo do uso desses espaços e estruturas no presente, que ainda são exclusivos a reuniões, congressos, shows de música, e tantos atrativos mais, que só se realizam pelos interesses de alguns poucos personagens, e fundamentam um desequilíbrio que ainda é perturbador e carece de discussão.

Luchiari (1998, p. 18) assim nos explica que “vivemos na sociedade da reprodução, valorizando espetáculos e sabores que há muito perderam a autenticidade. Isto nos leva a considerar que, no período atual a capacidade técnica de reprodutibilidade é tão ou mais importante que a própria autenticidade perdida. (...)”. Ainda segundo ela, os lugares estão sempre sobre condução de fluxos globais, cuja identidade é sempre dinâmica.

Fig. 06: A (re) produção de valores em municípios do roteiro

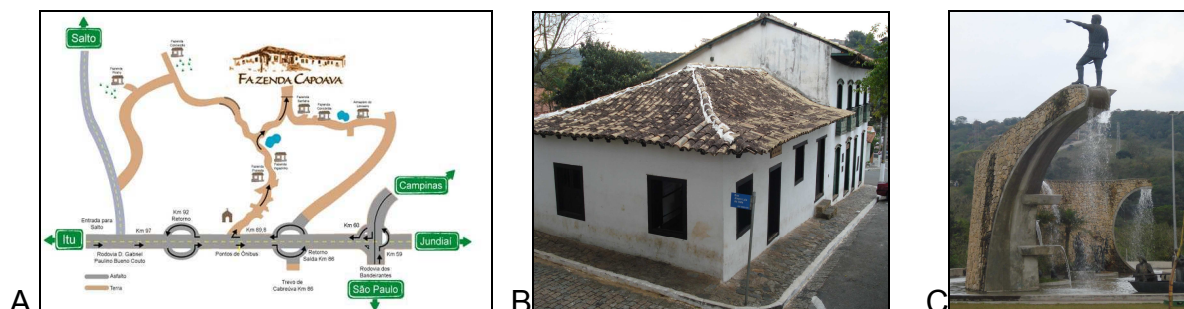




Fig. 06: Em “A” pode-se observar um croqui turístico indicando a Fazenda Capoava, antigo engenho de açúcar em Itu e que atualmente desenvolve atividades de lazer voltadas a setores mais abastados, principalmente da capital paulista. No quadro “B” está o Museu Casa do Anhanguera, construção de referência no centro histórico de Santana de Parnaíba. Está inserido em todos materiais publicitários da região, grande parte deles ovacionando heroicamente o bandeirante. A foto “C” é do moderno monumento edificada na principal avenida de Santana do Parnaíba em homenagem aos bandeirantes. Essa obra representa os esforços do município em se promover nacionalmente como a terra dos bandeirantes. No detalhe da imagem “D” está o largo do Carmo em Itu, ao fundo a fachada da Igreja do Carmo, tombada pelo IPHAN. Com a renovação das praças centrais da cidade teve sua frente destacada na paisagem do lugar, recebendo grande fluxo de turistas nos últimos anos. Por último, na imagem “E” está senzala da Fazenda da Serra, também em Itu, encontra-se completamente desfigurada, não representa em nada a verdadeira realidade de antigas funções daquele tipo de espaço, por outro lado continua de certa forma preservada. Fotos do autor obtidas em campo, 2007, 2008 e 2009.

Em função da presente análise, pode-se entender que a natureza dos elementos em questão está fundamentada numa via de escalas maiores, na amplitude cultural traduzida pelo fenômeno da globalização. O projeto bandeirante atenta se transformar desde o período modernista do país até contemporaneamente no símbolo de força e bravura associadas ao nosso povo, e onde São Paulo ocuparia papel de destaque nesse sentido, sobretudo a partir de uma relação econômica entre a indústria cultural e o patrimônio histórico e artístico nacional. As igrejas e seus atores, os barões, as propriedades antigas da elite regional, e outros elementos mais, complementam-se

conjuntamente com eles, reproduzindo o ideário da riqueza das cidades, que na maioria das situações não condizem com as contradições, desassocia-se de personagens fundamentais (caipiras, escravos, colonos), também escamoteiam o problema da desigualdade socioeconômica, os baixos índices de desenvolvimento e as questões culturais de camadas mais populares dos municípios.

Considerações finais

As antigas estruturas espaciais, urbanas ou rurais, sobretudo aquelas socialmente consideradas de relevante valor para a preservação, são construções ideológicas recentes, que reproduzem uma série de significados simbólicos nos indivíduos, imprimindo novas dinâmicas na organização do espaço, influenciando um conjunto de práticas, que vão desde a percepção até a renovação, ora de ruas, casas, praças, bandeiras, monumentos, ora de elementos naturais, como rios, florestas e montanhas, entre outros, cujas representações pela sociedade variam no tempo histórico e no espaço geográfico.

Dessa construção ideológica, as relações entre a sociedade e o seu legado histórico e cultural, em especial os inscritos na paisagem da região do médio vale do Tietê, passam no período contemporâneo a uma articulação mercadológica, onde o turismo tem se tornado o seu principal vetor, renovando antigas áreas, destacando heróis, banalizando jecas, associando os lugares a uma realidade parcial e por vezes tendenciosa, dificultando, pois, a criação de identidade nos diferentes segmentos sociais.

Ao mesmo tempo, dialeticamente, há no país crescente preocupação com os segmentos patrimoniais, que evocam a produção de leis de defesa e de uso desses elementos, ampliando qualitativamente as contribuições políticas, técnicas e científicas sobre o tema, demonstrando a sua crescente relevância no cenário nacional, principalmente em debates que objetivam conciliar o desenvolvimento socioeconômico dos municípios com a equidade de valores e tradições dos segmentos e estratificações sociais sobre seus bens culturais.

Por fim, esses espaços devem ser compreendidos de forma integrada e dinâmica, como totalidade constituída pela ação do homem para o homem. Para que

nele o cidadão se reconheça, crie a sua identidade, onde as formas possam representar a sua historicidade e especificidade, sendo seu uso e compreensão realizados democraticamente, a que tudo convirja para uma maior homogeneidade econômica e social entre a sua população, conciliando os interesses e necessidades materiais e simbólicas dos munícipes, pressupostos estes que podem se tornar uma via passível de justiça, de reconhecimento do trabalho e da herança cultural de todo um conjunto, e não apenas de referências ideológicas reproduzidas histórica e geograficamente por organismos hegemônicos.

Bibliografia

ABREU, M. A. **Sobre a memória das cidades**. In: V SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO. Campinas, 1998.

CABREUVA, Prefeitura Municipal de. **Publicidade turística**. Disponível em: <www.cabreuva.sp.gov.br>. Acesso em: 10 de jul. de 2007.

CARVALHO, P. F. Patrimônio histórico e artístico nas cidades médias paulistas: a construção do lugar. In: YÁZIGI, et. al.(Orgs.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1999.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. 3^a ed. São Paulo: Unesp, 2006.

CORREA, R. L. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

DINIZ FILHO, L. L. O “monumento dos bandeirantes”: um estudo crítico sobre as relações entre espaço, política e cultura. **Boletim Paulista de Geografia**. p. 65-82. São Paulo: AGB, 1992.

FONSECA, M. C. L. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ; IPHAN, 1997.

FREYRE, G. **Sobrados e Mucambos: introdução à sociedade patriarcal no Brasil**. 9.ed., Rio de Janeiro: Record, 1996.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1968.

GAVIOLLI, R. J. **Estudo da promoção turística do Roteiro dos Bandeirantes**. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/turismo/producao/gaviolli.pdf>>. Acesso em: 02 de Ago. 2008.

HARVEY, D. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

IANNI, O. **Uma cidade antiga**. Campinas – SP: CMU/Unicamp, 1996.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados Estatísticos**. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 07 de Abr. de 2008.

ITU, Prefeitura Municipal de. **Bandeira municipal**. Disponível em: <www.itu.sp.gov.br>. Acesso em: 10 de jul. 2007.

IPHAN. **Cartas Patrimoniais**. Disponível em: <www.iphan.gov.br>. Acesso em: 10 de jul. 2007.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. São Paulo: Zahar, 1989.

LUCHIARI, M. T. D. P. Urbanização turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: LIMA, L. C.(Org.). **Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico**.V.2. Fortaleza: UECE, 1998.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1998.

MOREIRA, R. Sociedade e espaço no Brasil (as fases da formação espacial brasileira: hegemonias e conflito). **Boletim Paulista de Geografia**, N.º 83: Perspectiva Crítica. São Paulo: AGB, p.7-31, 2005.

NARDY FILHO, F. **A cidade de Ytu: Histórico da sua fundação e dos seus principais monumentos**. 4 vol. Itu: Ottoni, 1999.

PALEN, J. J. **O mundo urbano**. Rio de Janeiro: Forense, 1975.

PETRONE, M. T. S. **A lavoura canavieira em São Paulo: Expansão e declínio (1765–1851)**. São Paulo: Difel, 1968.

PORTO FELIZ, Prefeitura Municipal de. **Bandeira municipal**. Disponível em: <www.portofeliz.sp.gov.br>. Acesso em: 11de Ago. de 2008.

SANTANA DE PARNAÍBA, Prefeitura Municipal de. **Bandeira municipal**. Disponível em: <www.santanadeparnaiba.sp.gov.br>. Acesso em: 28 de jun. de 2008.

SALTO, Prefeitura Municipal de. **Símbolos da cidade**. Disponível em: <www.salto.sp.gov.br>. Acesso em: 11de Ago. de 2008

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5. Ed. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SEADE, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. **Dados estatísticos**. Disponível em: <www.seade.gov.br>. Acesso em: 10 de Mar. de 2008.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

YÁZIGI, E. **Acertos metodológicos: relativismo cultural e turismo**. In: SILVA, J. B.; Lima, L. C. ELIAS, D. (Orgs). **Panorama da geografia brasileira**. V.1. São Paulo: Annablume, 2006.